

Por que, em contexto de violência conjugal, ela simplesmente não vai embora?

Profa. Dra. Cláudia C. Guerra¹

RESUMO:

Os índices alarmantes de feminicídios e de o Brasil estar em destaque no ranking mundial em casos, indicam a necessária compreensão de que este seja um problema complexo, de direitos humanos, de saúde, de segurança públicas e cultural, com impactos em toda a sociedade. Esse artigo tem o propósito de pontuar aspectos que dificultam a busca de ajuda por parte de quem vivencia violência conjugal, sejam relativos às complexidades que envolvem tais violências, sejam fatores inibidores e de desencorajamentos na busca da rede de apoio e enfrentamento à violência doméstica. Os desafios para se minimizar o problema apontam para a sua relação com a educação formal e informal.

Palavras-chave: violência conjugal, violência de gênero, representações sociais.

ABSTRACT:

The alarming rates of femicide and the Brazil to be featured in the world rankings in cases indicate the necessary understanding that this is a complex problem, human rights, health, public security and culture, with impacts throughout society . This article is intended to score aspects that make it difficult to search for help by the person who experiences spousal abuse, whether relating to the complexities involved in such violence, are inhibitors and desencorajamentos factors in the search for and support network tackling domestic violence. The challenges to minimize the problem to your relationship with the formal and informal education.

Key-words: spousal abuse, gender violence, social representations.

1. Introdução

Pensem em uma palavra ou frase para a seguinte questão: em contexto de violência conjugal, por que ela simplesmente não vai embora?

¹ *Cláudia Guerra é Dra. em História, profa universitária, voluntária da Ong SOS Mulher e Família de Uberlândia, do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero/UFU. Essa *talk* foi apresentada no TEDxUFTM, em 8 de dezembro de 2018, em torno de 20 minutos, onde no telão, o cronômetro marcava o número cinco a cada dois minutos, revelando quantidade de mulheres agredidas no país. Contato facebook: @animaeducacaogeneroviolenca e email: guerra.professora@gmail.com . Link da apresentação TED: <https://www.youtube.com/watch?v=EEXvxKIXJHE>

Creio que no imaginário de alguns e algumas presentes, tenha aparecido: “porque ela gosta de apanhar e de sofrer”, “é mulher de malandro”, “não tem coragem e é cega”, “é pobre e sem instrução”, ou “depende dele financeiramente”.

Nessa trajetória, conheci um homem e ele relatou que, aos cinco anos de idade, assistiu seu próprio pai assassinar a mãe, Maria, por ciúmes.

Vamos, agora, (re)(des)construir essas representações sociais sobre as mulheres que vivem relacionamentos abusivos.

2. Diagnósticos

Diagnósticos que não sangram precisam nos impactar, sob pena do desaquecimento do caráter humano e da banalização de algo complexo:

a) o Brasil está em 5º lugar no ranking mundial em assassinatos de mulheres, com quase 5 mil mortas ao ano, treze mortas ao dia, sendo, a maior parte, mulheres negras, segundo o Mapa da Violência da ONU, de 2015.

b) E pra complicar, segundo Pesquisa do IPEA, realizada em 212 municípios do país, em 2013, diante da afirmação “Mulheres que Usam Roupas que Mostram o Corpo Merecem ser Atacadas”, 26% concorda totalmente ou parcialmente. E da afirmativa: “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”, 65,1% concorda totalmente ou parcialmente.

A tese de doutorado, demonstra que viver violências num relacionamento afetivo, onde há expectativas de se encontrar o porto seguro e com quem se investiram sonhos, projetos, filhos, sexualidade, sentimentos de natureza positivas como amor, desejos de ser cuidada, protegida e, também negativos, como medo, desespero e raiva é diferente de experienciar outras violências com estranhos. Então, nesses casos, há demora em acreditar que a pessoa que você ama não te ama e, por estar envolvida, não percebe que o parceiro ignora suas necessidades por meio de censuras, descasos e violências.

3. Fatores inibidores da busca de auxílio

Desse modo, na ousadia do contar-se e de sair da invisibilidade, destaco trechos da história, duramente vivida, de uma mulher, onde as cenas, as queixas e os desfechos nos fazem entender melhor o que se passa para permanecerem. E entre os fatores que dificultam a busca de ajuda e dar um basta estão:

a) a visão idealizada: “tudo era lindo no começo, casamento conto de fadas e ele era o meu príncipe encantado, realizador de sonhos e quem cuidava de mim”;

b) a crença de que “a violência é temporária, consequência de uma fase difícil e de que ele vai mudar”;

c) o receio de possíveis “dificuldades econômicas” na ausência do parceiro, mas muitas delas são chefes de família e, portanto, o vínculo pode ser de dependência emocional;

d) a situação dos filhos, caso este tenha ficha na polícia, ou fique desempregado;

e) os sentimentos de culpa por discordar dele e ele fazer crer que ela tem a responsabilidade pela situação “o que eu fiz”? Ou, pena do autor que, nessa visão, é violento “só quando bebe”, porém ele não bate no colega de boteco, nem no chefe onde trabalha. E ainda que, no fundo, “ele também está sofrendo”;

f) a “vergonha dos filhos e de ser vista como espancada”;

g) falta de apoio familiar quando o problema é compartilhado e lá vêm comentários como: “homem é assim mesmo”, “se ruim com ele, pior sem ele”, “aguenta que vai passar”;

h) medo, pois ele a ameaça se ela buscar ajuda ou terminar a relação. Ele diz “vou começar aparecer no seu trabalho, tomar seus filhos, não te deixar em paz”.

i) a autoestima vai sendo bombardeada. Ela conta: “me sinto um lixo, um nada”; “ele me diz que sou a pior mulher de todas: louca, burra, chorona, feia, gorda” e tantos adjetivos depreciativos. Ela vai acreditando ter o amor que merece e que não terá outra chance, num histórico de abusos e desamparos, muitas vezes, desde a família de origem;

j) a falta de informações, de escassez de recursos e os desafios na estrutura de judiciários, no atendimento de delegacias especializadas que não funcionam em sistema de plantão, mesmo que a maior parte dos casos ocorra exatamente à noite, ou aos finais de semana, quando o casal se encontra;

k) também pesam, o receio de ficar sozinha e o isolamento social imposto por ele;

l) a inconsciente gratidão ao homem por não matá-la, o que substitui a raiva ou o medo;

m) a interpretação religiosa de conformação, submissão que pode auxiliar na perpetuação do problema: “fui criada com aquele negócio: o que deus uniu, o homem não separa e vamos até que a morte nos separe”; “comi a carne, tenho que roer o osso”, “em outra vida, quem sabe, haverá melhorias”; ou o contexto enxergado como “maldição que passa de pai pra filho, de mãe pra filha”. Mas há também as que se apoiam na fé como força para escapar: “a gente tem que ter uma fé inteligente e não dar ouvido a tudo que querem nos impor”.

Compreensível, que algumas vezes, ela opte por desfazer a denúncia e retorne à rotina dolorosa que ainda lhe garante alguma estrutura de vida. Na história dessa mulher, ela menciona sobre “o pesadelo das fugas nas madrugadas, dormir vestida e esperar ele dormir pesado pra sair

com os filhos de casa e sem fazer barulho pra buscar um lugar seguro”. Sabe-se que casas abrigo, como locais confidenciais para a promoção delas e de seus filhos menores de idade em risco, nem sempre funcionam como deveriam, ou são pouco divulgadas onde existem. E numa das tentativas de apoio comenta que “estava confusa, senti pressão e precisava de acolhimento; a forma de profissionais chegarem em mim está errada; passei anos, vendo autoridades tirando onda com a minha situação e tratando tudo como banalidade; fui cantada por um advogado, até de Maria Batalhão fui chamada pela polícia e um juiz disse que estava me faltando religião e me aconselhou a ir com o agressor a um motel, ao invés de fazerem o trabalho deles”.

É perceptível que nesses jogos de poder, há as violências institucionais e certas organizações sofrem do mal que querem combater, seja nos procedimentos, com práticas de humilhações, de julgamento moral, de exposição na coleta de provas, de demora de medidas protetivas previstas, além da rara formação continuada de profissionais que atendem e devem praticar a escuta ativa que compreende particularidades de cada caso, ou seja, sem preconceitos ou culpabilizações. Ao buscar apoio ela ouve: “por que você só buscou ajuda agora?”; “o que fez pra provocar”? Ou, “você tem certeza mesmo de que quer denunciá-lo”? Esse percurso pode levar à descrença nos serviços prestados. Como podemos constatar, são vários os mecanismos para submeter o outro e que orientam condutas de quem vive o problema e de determinados profissionais que atendem os casos.

4. Facilitadores das violências: quem ama não mata

O escritor Rubem Alves trata do relacionamento tipo tênis e frescobol. Quais elementos utilizamos para se jogar tênis? (...) isso mesmo: duas raquetes, uma bola, uma rede que separa dois adversários. Qual o objetivo desse jogo?(...) Exatamente, eu joga a bola de um jeito que o outro deixe cair. Então, quando um ganha o outro perde e vice-versa. E no frescobol, geralmente jogado em praias? (...) também duas raquetes, uma bola, mas não há rede, pois também não existem adversários. Qual o objetivo desse outro jogo? (...) Muito bem: não deixar a bola cair. Pois o gostoso está no ganha-ganha. E quando ela cai, o jogo para. Em ambos, a bola representa as expectativas, os sonhos que vão de lá pra cá. Lamentavelmente, muitos têm jogado mais tênis que frescobol.

Aspectos que contribuem com relacionamentos violentos: contextos socioculturais e simbólicos, com padrão sexista/machista nos relacionamentos e que definem funções sociais desiguais para homens e mulheres: com reforço do ciúme viril e possessivo. E isso ocorre desde a educação diferenciada para meninos e meninas, ao invés da integral, onde lugar dos gêneros possa ser em todos os lugares. Em casa, na divisão das tarefas por habilidades e competências, acompanhei obra de construção de nossa casa e o esposo, que estou “pegando” há 19 anos (e que está na plateia para confirmar), faz supermercado toda semana. Nossos dois filhos brincaram de

bola para o desenvolvimento de coordenação motora, mas também de boneca e casinha para exercitarem o cuidado e se optarem ser pais já estarem treinados. Bom lembrar que tarefas domésticas são realizadas com as mãos e não com as genitálias e assim responsabilidades de todos membros da família.

Portanto, tornam-se relevantes as discussões de gênero na educação formal e informal para se lidar com conflitos sem o uso do recurso da violência, mas por meio do respeito, da tolerância, do diálogo e da construção da cultura da paz.

A violência que deixa marcas no corpo e na alma, não é só física, mas também psicológica, moral, sexual e patrimonial (com destruição de documentos, quebradeiras em casa) e pode ser entendida como um recurso extremo para manter as mulheres em seu “devido lugar” de inferioridade e submissão e tornar o micro em macro poder. Essa violência é democrática, pois atinge todas as classes sociais, faixas etárias e raças diversas. Os comportamentos agressivos de autores de violências também denunciam a sua fragilizada autoestima, insegurança, receio da perda, noções de propriedade, presentes nas narrativas dos atendidos.

Importante contribuirmos para a divulgação da legislação e das políticas públicas de Estado que deve ser laico, ou seja, sem direcionamento religioso e que o exercício de nossa cidadania auxilie a reduzir:

- a) a revitimização, com o contar a histórias várias vezes em diversos locais, numa “via crucis”;
- b) o “ciclo” das violências composto pela tensão, agressão, “lua de mel” com os pedidos desculpas e de que os atos não mais ocorrerão. Prefiro falar em espiral por ser mais aberta a possibilidade de escapatórias;
- c) a lentidão nos procedimentos, os desencorajamentos, a impunidade;
- d) a ausência de registros precisos, sendo que, na maior parte dos casos, elas sequer buscam alguma instituição e não há diagnósticos.

5. Considerações Finais: a violência machuca toda a família

Aquele homem que me disse ter assistido ao assassinato da própria mãe, Maria, no início de nossa conversa: ele é meu pai. Depois dessa marca, ele não conseguiu ser esposo ou pai, o que revela os impactos dessas violências em todos os membros da família. Minha mãe se separou dele eu tinha sete anos, o que foi um alívio, pois que dependente químico por uma vida toda e faleceu de câncer provocado pela bebida, em 2011, e só então, três meses antes, tive a oportunidade de ser filha e ele pai, avô dos meus filhotes e podermos cuidar dele em nosso lar. Sinto gratidão por essa

chance. Minha mãe, outra Maria que escapou, contando com apoio familiar, estudando e trabalhando fora para construir sua autonomia e criar os quatro filhos. Minha avó paterna, a Maria assassinada, se foi. No entanto, deixou legado: eu que, como parte de um coletivo com potencial multiplicador, assumi a missão voluntária de auxiliar outras Marias e suas famílias.

Gosto e utilizo no corpo essa bela alegoria que na cultura não segue linear como na natureza (refiro-me à tatuagem borboleta na flor de lótus, no dorso): da lagarta rastejante que come folhas e defeca, passa pelo casulo que aprisiona e que quem observa, de fora, parece tudo estar paralisado, mas, por dentro, há profunda transformação. Ela rompe com as amarras e sai dali com vários olhos, uma leve e livre borboleta, pousa na flor de lótus que se nutre e brota a partir do lodo. Esse exemplo de superação encontramos em mulheres que são apoiadas na sororidade, empatia, onde uma sobe e puxa a outra.

Percebem agora, que é possível, mas não é tão simples assim ela ir embora? Tentemos não julgar para que haja mais Marias com “força, raça, gana e sonho sempre”!

Se a violência existe, ela pode se intensificar. Nesses 16 minutos de talk [olhando e apontando o tempo total marcado da talk], aproximadamente 40 mulheres foram espancadas e correram risco de serem assassinadas.

Nessa conexão, onde há violência conjugal e contra a mulher, todo mundo perde e por isso é preciso e convido vocês a comigo, # metermos a colher.

6. Referências

GUERRA, Cláudia Costa (1969). Jogos de poder e “metamorfoses”: representações sociais de violências de gênero, na esfera conjugal, em Uberlândia-MG., de 1997 a 2017. **Tese (Doutorado)**, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, abril, 2018, 420f.:il. (Disponível no repositório da UFU em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21423>)